

AS CONTRIBUIÇÕES DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA NA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS COM TEA

Ana Lia Avante Peixoto, Daiane Natalia Schiavon, e-mail: anaavante7@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser definido, na atualidade, como um distúrbio do neurodesenvolvimento que se caracteriza por alterações e prejuízos na comunicação e na interação social, bem como em padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, apresentando grande variação no grau de intensidade (APAS).

Tendo em vista os diversos comprometimentos que indivíduos com TEA possam apresentar, existem variados tipos de tratamentos ofertados atualmente. Entre os protocolos, está o uso da Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). A CAA é uma área de pesquisa e prática clínica e educacional, e seu uso visa compensar, temporariamente ou permanentemente, o comprometimento da compreensão ou expressão. (Mirenda, 2017, *apud* Pereira, 2020. p. 2)

Uma das abordagens destacadas na CAA é o Sistema de comunicação por troca de figuras (PECS) destinado a alunos de todas as idades que possuem dificuldades cognitivas, físicas e de comunicação. Visto que muitos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista se expressam e compreendem melhor por meio de sistemas não orais, o método PECS se torna uma alternativa promissora para essas pessoas (Nunes, 2013).

O presente estudo teve como objetivo analisar os recursos e a contribuição da Comunicação Alternativa Aumentativa no processo de escolarização de alunos com TEA.

2 MÉTODO

O presente estudo apresentou-se como revisão bibliográfica, tendo como intuito a produção de novos conhecimentos para a ciência que, segundo Severino (2007, p. 122) “se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” Dessa forma, buscamos em artigos

científicos, estudos que visavam explorar e explicar a utilização da Comunicação Alternativa, com aprofundamento no PECS – Adaptado na escolarização e interação de indivíduos com TEA na sociedade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar as contribuições da CAA no processo de escolarização de alunos com TEA, utilizando o uso do sistema PECS – Adaptado conforme a necessidade desses alunos atípicos que a rede de ensino recebe em suas escolas.

De acordo com o relatório do CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças) (2019), cerca de 40% das crianças com TEA são não verbais e muitas delas adquirem essa habilidade tardiamente. A comunicação funcional para esses indivíduos mostra-se eficaz no que diz respeito a interação social, possibilitando o diálogo por meio de recursos de baixa ou alta tecnologia.

Nesse sentido, a intervenção em Comunicação Suplementar e Alternativa é uma prática de fundamental importância para crianças com TEA, em especial pois a prevalência do TEA tem aumentado justamente porque esses indivíduos possuem alto risco de necessidades complexas de comunicação (Ganz, 2015).

Ressalta-se dessa forma que são importantes os trabalhos desenvolvidos com o indivíduo não verbal em aprender formas alternativas de expressão, e também, trabalhar o comportamento dos interlocutores, sejam eles pais, professores ou demais profissionais, para que consigam auxiliar efetivamente no desenvolvimento da linguagem da pessoa não oral durante as interações. Para isso, é igualmente importante a garantia do acesso e a disponibilidade dos recursos de CAA no contexto escolar ou qualquer outro frequentado pelo indivíduo que deles se utilizam (Romano; Chun, 2018).

Ao que se refere à comunicação, indivíduos autistas que são capazes de formular sentenças corretas, geralmente apresentam dificuldades em áreas como contato visual, expressões faciais, permanência em um diálogo, maneirismos não verbais, etc. Estas limitações podem favorecer a exclusão social de indivíduos com TEA e como consequência, contribuir para comportamentos inadequados, depressão e problemas em ajustar-se

socialmente. A falta de aceitação social pelos pares pode resultar em uma pragmática inapropriada, podendo reduzir em as oportunidades de aprendizagem que contribuirão para o desenvolvimento psicossocial responsável pelo sucesso nos relacionamentos interpessoais e desempenho vocacional. Contudo, os déficits pragmáticos são universais em indivíduos com TEA verbais e não verbais (Koegel, 2000; Eigsti *et al.*, 2011). Os três níveis do TEA necessitarão de suporte com relação a área da comunicação.

Determinada pela American Speech-Language-Hearing Association – ASHA (2004) enquanto área de pesquisa e de prática clínica e educacional, a comunicação alternativa visa compensar e facilitar as limitações de indivíduos com transtornos expressivos e/ou de compreensão da linguagem falada e/ou escrita, sendo definida como:

Uma área de pesquisa, de prática clínica e educacional que envolve estratégias de ensino e, quando necessário, busca compensar de modo temporário ou permanente, os padrões de incapacidade, as limitações nas atividades e as restrições de participação de pessoas com severos distúrbios da produção e/ou compreensão da fala e da linguagem, incluindo modos de comunicação orais e escritos (American Speech-Language-Hearing Association, 2004, p.1).

Com relação a inclusão de indivíduos com TEA, o processo de inclusão escolar também necessita de adaptações e planejamentos diferenciados. Destaca-se que o comprometimento na comunicação, interação social e a existência de um padrão restrito e repetitivo comportamental podem causar prejuízos no sucesso do aluno em sala de aula, caso não haja um direcionamento eficaz (Gomes; Mendes, 2010).

Todavia, Camargo e Bosa (2009) defendem a importância da inclusão de alunos autistas no contexto regular de ensino, principalmente com relação a socialização destes, onde se faz possível a oportunidade de conviver com alunos da mesma faixa etária e possibilita o estímulo de suas capacidades interativas, impedindo o isolamento do mesmo. Além disso, esta relação promove benefícios a todos, onde a convivência pode ensinar outras crianças a conviver e aprender com as diferenças.

A Comunicação Aumentativa Alternativa envolve o uso de sistemas e recursos alternativos que oferecem ao indivíduo sem a habilidade da fala funcional possibilidades para se comunicar. Em sua diversidade de formas de comunicação encontram-se os sinais

ou símbolos pictográficos, ideográficos e arbitrários, com a finalidade de substituir ou complementar a fala humana (Nunes, 2003).

Uma possibilidade de CAA se trata do PECS — Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (Picture Exchange Communication System), onde sua utilização é feita a partir de trocas de figuras (cartões de comunicação), ou seja, o cartão de comunicação é trocado pelo item desejado pelo usuário, podendo ser um objeto, a solicitação de alguma ação, ou até mesmo a demonstração de algum sentimento ou sensações, a fim de efetivar a comunicação com seu interlocutor (Togashi; Walter, 2016).

Tal sistema consiste em seis fases, a saber: na primeira fase, o indivíduo irá aprender a trocar uma figura por algo que deseja, nessa fase será trabalhado como se comunicar. Na segunda, ainda utilizando uma única figura, o indivíduo aprende a usar a figura em ambientes diferentes com pessoas diferentes percorrendo determinadas distâncias, onde é trabalhado a distância e persistência. Na terceira fase, o indivíduo aprende a escolher a partir de duas ou mais figuras uma única coisa que deseja a partir de suas coisas favoritas, onde irá ser trabalhado a discriminação de figuras. Na quarta fase, o indivíduo aprende a formar frases utilizando uma figura "eu quero", seguida pela figura do item que está sendo solicitado, onde será trabalhado a estrutura de sentença. A partir desse momento, é aprendido expandir as frases adicionando adjetivos, verbos e preposições. Na fase cinco, o indivíduo aprende a usar o PECS para responder perguntas como "o que você quer?", trabalhando a solicitação responsiva e também a autonomia do mesmo. Na fase seis, a partir das perguntas da fase anterior, o indivíduo aprende a responder as perguntas compondo frases começando com "Eu vejo", "Eu ouço", "Eu sinto". A partir desse protocolo, o indivíduo aprende a expressar seus sentimentos desenvolvendo a autonomia e habilidades para conviver e interagir com a sociedade (Bondy, 2002).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições do presente estudo visam orientar profissionais das mais diversas áreas sobre a importância da CAA para indivíduos com TEA. Para isso, é de suma importância compreender o autista como ser integrante da sociedade dando-lhe o direito

de desenvolver-se de forma integral e disponibilizando ferramentas, adaptações e profissionais capacitados para auxiliar em seu desenvolvimento.

Nesse sentido, destacamos a importância do trabalho e do uso de tal sistema junto ao aluno com TEA uma vez que, o mesmo irá contribuir significativamente para com seu processo de ensino e aprendizagem e seu desenvolvimento como um todo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION. **Roles and responsibilities of speech-language pathologists with respect to augmentative and alternative communication**: Technical report, 2004. Disponível em: www.asha.org/policy. Acesso em: 20.mai.2023.

BONDY, A.S.; FROST, L.A. **PECS: The Picture Exchange Communication System**, Manual de Treinamento do Sistema de Comunicação por Troca de Figuras. Pyramid Educational Consultants, 2002. Disponível em: <https://pecs-brazil.com/> Acesso em: 20.mai.2023.

CENTER of Diseases Control and Prevention. [S. /], 2019. Disponível em: <https://www.cdc.gov/>. Acesso em: 20.mai.2023.

EIGSTI, I. *et al.* Language acquisition in autism spectrum disorders: A developmental review. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 5, p. 681-691, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2010.09.001> Acesso em: 10.Ago.2023.

PEREIRA, E. T. *et al.* (2020). **Comunicação alternativa e aumentativa no transtorno do espectro do autismo**: impactos na comunicação. *Codas*, 32(6), e20190167. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019167> Acesso em: 10.ago.2023.

GOMES, C.G; MENDES, E.G. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.3, p.375-396, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382010000300005> Acesso em: 10.ago.2023.

KOEGEL, L.K. Interventions to Facilitate Communication in Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 30, p. 383-390, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1005539220932> Acesso em: 10.ago.2023.

GANZ, J.B. Efficacy of handheld electronic visual supports to enhance vocabulary in children with ASD. **Focus on Autism and Other Developmental Disorders**, v. 29, p. 3-

12, 2014. Acesso em 29/05/2023. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1088357613504991>. Acesso em: 08.abr.2023.

NUNES, D. R. de P.; AZEVEDO, M. Q. O. de; SCHMIDT, C. Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 26, n. 47, p. 557–572, 2013. DOI: 10.5902/1984686X10178. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10178>. Acesso em: 15 ago.2023.

NUNES, L.R.O.P. Comunicação alternativa: uma introdução. In: NUNES, L.R.O.P (Org.). **Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003. p.3-13.

ROMANO, N.; CHUN, R. Y. S. **A Comunicação Suplementar e Alternativa na percepção de familiares e fonoaudiólogos: facilitadores e barreiras**. CoDAS, São Paulo, v. 30, n. 4, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822018000400302&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12.mai.2023.

TOGASHI, C.M.; WALTER, C.C.F. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n.3, p. 351-366, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000300004> Acesso em: 10 ago.2023.